

# Filmes e recursos audiovisuais como material didático

## Films and audiovisual resources as didactic material

Felipe Rocha, Portugal, <https://orcid.org/0009-0004-8612-9768>

**Resumo:** O filme é compreendido como um advento multifacetado capaz de criar mundos, animar vidas e levantar questões. Trata-se de um material didático de primeira grandeza que pode chegar às salas de aula e ser usado sob diversas perspectivas. Objetivou-se desvelar porquê filmes são utilizados pelos docentes. Participaram da pesquisa 15 docentes que utilizam filmes como material didático, sendo nove mulheres (60%) e seis homens (40%). Todos os voluntários exercem a função em Portugal e ensinam no nível superior, sendo que 60% trabalham no Porto, 20% em Braga e outros 20% em Lisboa. Os participantes foram buscados a esmo. Resultou-se que os sujeitos utilizam filmes por quatro razões: atrair/motivar mais os estudantes, complementar ou ilustrar o conteúdo ensinado em aula por meio da peculiaridade audiovisual, diversificar os métodos de ensino e promover reflexão crítica. A teoria interacionista de Lev Vygotsky foi utilizada como referencial teórico para analisar os resultados. Os filmes são um recurso bem aceite por docentes e discentes, os quais conseguem explicar e entender melhor, respetivamente, determinados conceitos. Na ótica vygotskiana, o efeito benéfico do filme se dá pela ZDP ser acedida pelos signos filmicos, de modo a promover a transição do desenvolvimento real para o potencial.

**Palavras-chave:** salas de aula; métodos de ensino; Vygotsky; signos filmicos.

**Abstract:** The film is understood as a multifaceted advent capable of creating worlds, enlivening lives and raising questions. It is a first class didactic material that may get in classrooms and be used from several perspectives. The objective was to reveal why films are used by professors. Fifteen professors who use films as didactic material participated in the research, nine women (60%) and six were men (40%). All volunteers work in Portugal and teach at Higher level, which 60% working in Porto, 20% in Braga and another 20% in Lisbon. It was resulted that the participants use films for four reasons: to attract/motivate students more, to complement or illustrate the content taught in class through audiovisual

peculiarities, to diversify teaching methods and to promote critical reflection. Lev Vygotsky's interactionist theory was used as a theoretical framework to analyse the results. Films are a well-accepted resource by professors and students, who are able to better explain and understand, respectively, certain concepts. In the Vygotskian view, the beneficial effect of films is due to the ZPD being accessed by filmic signs, in order to promote the transition from the real to the potential development.

**Keywords:** classrooms; teaching methods; Vygotsky; filmic signs.

## 1. Introdução

O filme é originalmente compreendido como um universo de sentimentos em ação, um movimento afetivo que se observa e se conhece de uma poltrona. Assim, o cinema configura-se como um advento multifacetado pela arte, emoção, indústria, tecnologia, imaginação e canal de propaganda ideológica capaz de criar mundos, animar vidas e levantar questões éticas, estéticas, políticas, sociológicas e existenciais. Trata-se de um material didático de primeira grandeza que pode chegar às salas de aula a partir de vários panoramas e ser usado sob diversas perspectivas (De Puig, 2016).

Os filmes foram reconhecidos como material didático para o ensino quando o Movimento da Educação Nova<sup>1</sup> ascendeu (Santos, 2016). Profissionais interessados na Psicologia da Aprendizagem de alguns países ocidentais se objetavam às práticas pedagógicas consuetudinárias por reconhecerem que a sociedade estava em transição e carecia de diferentes métodos de ensino que estimulassem e explorassem o lado criativo dos discentes e lhes proporcionasse condições de participar da elaboração do conhecimento. As novas tecnologias foram vistas como recursos dessa Educação Nova a fim de tornar o processo de ensino-aprendizagem atraente para os estudantes. A iconografia, inclusive, foi determinada como método de ensino dos adolescentes do ensino secundário. A justificativa para a utilização dessa ferramenta foi o interesse desses estudantes por imagens (Abud, 2003), já que 89% deles gostaria que o recurso audiovisual estivesse presente nas aulas (Silva, 1998).

Desde a década de 1950 os filmes já são utilizados como recurso didático nas aulas de Física por poderem gravar experimentos e editá-los convencionalmente com o intuito de facilitar o entendimento dos discentes sobre o funcionamento e a execução de alguns processos (Clebsch & Mors, 2004).

Os docentes que utilizam meios alternativos em suas aulas precisam proporcionar a criação e o desenvolvimento de ideias, atitudes e sentimentos nos discentes, além de despertar a vontade de aprender e entender o conteúdo da disciplina. Ou seja, é preciso produzir métodos educativos que propiciem o uso do raciocínio lógico, concreto e abstrato dos que aprendem (Ferreira & Parra, 2000).

Este recurso audiovisual, inclusive, permite a criação de versões da realidade

cotidiana e, também, corrobora a possibilidade de poder retratar da forma mais fidedigna possível um acontecimento histórico (Oliveira, Oliveira & Iguma, 2007), além de ter a capacidade de atualizar um conjunto de configurações icônicas significativas que: possibilitam uma melhor compreensão do conteúdo exibido, acionam outros símbolos socioculturais (mediante os quais apresentam uma imagem acurada do mundo que deve possibilitar ao discente formular uma análise crítica do meio em que está inserido) e servem de modelo dos vários aspectos subjetivos dos personagens envolvidos, como comportamentos, estilo e vocabulário (Abud, 2003). A riqueza de símbolos e outros elementos expressos num filme podem trazer não só um modelo de como funciona uma determinada relação ou contexto, mas incentivar a prática de determinadas ações ou funções.

A permanência das imagens dentro das salas de aula é defendida por sua assimilação desencadear um processo cognitivo consistente, composto por comparações entre elementos de obras diferentes, seleções e representações criadas e expressas por outras formas de comunicação (Abud, 2003), de modo a contribuir para um melhoramento sensível do aprendizado em relação ao uso de materiais de escrita e a minimizar a diferença de aproveitamento estudantil entre discentes de contextos socio-educacionais distintos (Silva, 1998).

Estudos mostram que as pessoas aprendem e memorizam cerca de 20% do que ouvem, 40% do que veem e ouvem e 75% do que veem, ouvem e fazem. Quando os sentidos são estimulados juntos os sujeitos aprendem mais rápido e compreendem melhor o que lhes é ensinado (Sarmiento e Souza, Ferreira, Martinez & Barraviera, 2004). Em contrapartida, há estudos que dizem que 50% do aprendizado dos discentes foi retido pela visão e pela audição e que esses dois sentidos também são responsáveis pelo que é mais duradouro na memória (Abud, 2003).

Essa potencialização da aprendizagem foi observada já na década de 1960, quando Henri Dieuzeid realizou um experimento em que submeteu um grupo de estudantes a assistir aulas com filmes e projeção fixa. O resultado foi um aprendizado mais elevado por parte dos discentes que tinham dificuldades, de modo a se comparar aos melhores da classe. Ou seja, percebeu-se uma equalização no nível de conhecimento obtido pelos estudantes da turma (Silva, 1998).

Se os estudantes aprendem mais ou com maior facilidade quando se usa recursos audiovisuais entende-se que filmes devam fazer parte da rotina das atividades educativas.

Em inúmeros casos, as crianças têm os seus comportamentos influenciados por programações televisivas (como filmes). Inclusive, há trabalhos que dizem que os infantes são mais educados pela televisão do que pela escola (Moura, 2004; Rocha, 2007). O acesso perene a este tipo de imagem corrobora para a aceitação de determinadas formas de pensar, agir e sentir (Coll & Monereo, 2010).

Entretanto, o uso constante da televisão em momentos de entretenimento leva os indivíduos a associarem tal aparelho genericamente como lúdico e a descartarem suas características como material pró-educacional (Rocha, 2007). Os jovens recorrem maioritariamente a algum aparato audiovisual quando estão fora do ambiente

de estudo do que a outras ferramentas, o que configura situações de aprendizagem de conteúdo extraescolar por estes meios (Silva, 1998).

No entanto, o constante progresso tecnológico fez com que muitos meios de comunicação fossem desenvolvidos a fim de passar informações à população em massa (Coll & Monereo, 2010; Ferreira & Parra, 2000). Com essa evolução, os profissionais da Educação tiveram de fazer adaptações para transmitir conhecimento através dos diversos meios disponíveis (Ferreira & Parra, 2000) e os filmes começaram a ser usados como material didático.

Mesmo as películas produzidas para fins puramente comerciais podem servir como material didático por possibilitarem a abstração de fatos significativos (Santos, 2016). Mais especificamente, o uso de filmes como um utensílio crítico-reflexivo sobre os problemas e dificuldades do mundo atual pode ser bem prolífico para se discutir História, Psicologia, Filosofia e Enfermagem, uma vez que o processamento do conjunto de informações apreendidas pelas imagens é facilitado, o que pode sustentar a conexão entre a ciência e a mensagem fílmica (Oliveira et al., 2007).

O filme como recurso didático é comumente utilizado hoje em dia na formação em Ciências da Saúde, mas ainda carece de estudos que registem a sua utilidade e validade e permitam mensurar o aumento do aprendizado e a percepção subjetiva de discentes e docentes (Law, Kwong, Friesen, Veinot & Ng, 2015), embora a valência de lecionar com esse material tenha se intensificado devido aos resultados observados e à participação dos alunos (Czekalski & Uhmman, 2020; Silva, 1998).

Alguns estudantes de Medicina disseram que estudar com materiais de multimídia (como vídeos, animações e imagens) é mais eficiente para a construção do conhecimento necessário à sua ocupação do que por métodos tradicionais (Sarmiento e Souza et al., 2004). Ou seja, o filme ou vídeo assistido os ajuda a realizar a transição da teoria para a prática, o que, por sua vez, é a gênese do conhecimento crítico.

Os filmes também favorecem a aprendizagem crítica de estudantes de Educação Ambiental. A compreensão dos conceitos desse saber nesse material é considerada um modo significativo do professor motivar os aprendentes (Czekalski & Uhmman, 2020).

Por suas vezes, professores de Geografia consideram que as películas, especialmente os documentários, têm o poder de opulentar a qualidade das aulas e fomentar reflexões acerca de diversos espaços e tempos, de modo a enrobustecer o conhecimento crítico (Santos, 2016).

Deste modo, os filmes se configuram num recurso de mediação com a sociedade capaz de interpor seus espectadores numa situação imaginária coletiva que se concretiza em práticas cotidianas. Na verdade, é através desse viés social que se apreende o significado de tais práticas (Oliveira et al., 2007).

O imaginário coletivo de uma turma é alcançado pela mensagem de um filme somente depois de passar pelo imaginário individual de cada estudante, onde as

informações captadas são sintetizadas de modo idiossincrático (Oliveira et al., 2007).

Este imaginário individual é composto por um sistema de representação visual que exerce esta função processadora da informação captada ocularmente e se torna um instrumento, no termo vygotkiano, da expressão do conteúdo que foi abstraído, de modo a capacitar o indivíduo a atuar com base no que foi apreendido. Essa função mediadora das representações visuais não se restringe à construção particular do conhecimento, pois também media os processos subjetivos ou individuais (intramentais) e comunicacionais e sociais (intermentais) do discente que abrangem a aprendizagem intencional. Entretanto, a sua ação mediadora depende em larga escala da maneira singular do estudante significar o conteúdo retido (Coll, Engel & Bustos, 2010).

Destarte, nota-se que cada indivíduo pode ter um meio distinto de compreender, analisar, criticar e discriminar as diversas facetas de um filme, o que tende a criar uma discussão ou debate sobre as questões apresentadas e a ratificar a produção audiovisual como um recurso importante para se chegar ao imaginário coletivo e fomentar ideias e opiniões sobre aquilo que é exibido.

Por isso o docente deve instruir os seus alunos, de modo crítico-reflexivo, a como assistir televisão, até porque os discentes não devem ser sujeitos passivos e copistas, mas ativos e participativos. Os discentes precisam ser sensibilizados e orientados a criarem suas próprias opiniões sobre o conteúdo assistido. Em seguida, faz-se necessário exemplificar e ilustrar aos estudantes o emprego desse recurso além da concepção de entretenimento através da didática da aula (Rocha, 2007).

Portanto, os recursos fílmicos podem ajudar no ensino de determinadas disciplinas, como Física. As produções de ficção-científica, por exemplo, influenciam o público juvenil e podem ajudá-los a ter mais facilidade e interesse em conteúdos escolares considerados tediosos e difíceis (Machado, 2008).

A articulação das teorias estudadas em aulas de Física com a prática exposta em alguns filmes faz com que os discentes tenham um comportamento mais crítico enquanto telespectadores e fiquem mais interessados na disciplina (Clebsch & Mors, 2004).

Este conteúdo mediático exige que o professor avoque o papel de mediador da cultura audiovisual e das necessidades sociais, cognitivas e emocionais dos alunos (Rocha, 2007). Para isso, o professor precisa planejar o modo como vai utilizar o filme e estar ciente das contribuições que o mesmo deverá trazer para a aula a fim de que não haja incoerência no seu uso, mas incitação ao conhecimento (Napolitano, 2009 citado por Czekalski & Uhmman, 2020).

É plausível também considerar que o conhecimento prévio que muitos discentes têm advindos de certos programas de televisão serve de embasamento para discutir uma realidade criticamente e sob um novo prisma. A escola é que tem o papel de ensinar os alunos a “ler” a televisão e de “alfabetizá-los” visualmente,

incentivando-os a refletir e avaliar aquilo que veem nos filmes. Porém, acontece de muitos professores se posicionarem contra o hábito de ver televisão, mas ficarem horas assistindo-a em suas casas (Rocha, 2007).

Após a exibição do filme, o docente deve indagar a turma sobre as impressões que tiveram da película ou o que lhes chamou mais a atenção, sem procurar iniciar diretamente uma discussão racional do tema, mas deixando o emocional se expressar primeiro, de forma espontânea, para gradativamente conduzir a reflexão para os tópicos centrais da aula (Silva, 1998).

Deste modo o cinema se torna um recurso duplamente útil, já que motiva o estudo através da emotividade e promove uma cultura da imagem por meio de uma linguagem específica (De Puig, 2016).

À vista disso, não é conveniente utilizar uma estratégia de aprendizagem inflexível em sua didática por meio dos filmes, isto é, não é produtivo buscar a transmissão do conhecimento bruto aos discentes sem permitir que eles sejam ativos e deem novos significados ao conteúdo abstraído (Silva, 1998). O filme pode ser utilizado mais do que como difusor de conceitos ou atitudes pré-definidas, mas como uma ferramenta para questionar as ações, valores, crenças e decisões que são apresentadas e, assim, se converte num recurso educativo por permitir o questionamento e a crítica especialmente por ser trabalhado em sala de aula. Por isso os filmes devem ser assistidos coletivamente e discutidos, não para doutrinar ou rotular uma produção como boa ou ruim por expor certos comportamentos, mas como pretexto para a reflexão conjunta das questões apresentadas e da sua resolução. Assim, uma abordagem metodológica foi proposta, formada das respectivas características em sua aplicação: motivação, flexibilidade, coletividade, atividade, pesquisa, criticidade e ludismo. A ideia é utilizar o filme dinamicamente, como se fosse um texto (De Puig, 2016).

As pesquisas acerca da formação em Medicina também mostram que os discentes têm maior probabilidade de aprender e lembrar de algo quando o ponto de ensino está associado a uma resposta emocional. Há resultados que sugerem a utilização de filmes como ferramenta propícia para evocar emoções nos discentes e aguçar a sua consciência emocional a fim de lhes incitar a serem mais empáticos com os pacientes e lhes oferecer apoio emocional (Law et al., 2015).

Em suma, a população estudantil da área da Saúde pode facilmente aceitar e desfrutar do uso do cinema ao longo de sua formação. Contudo, ainda é preciso haver uma base científica mais sólida no que tange a evidências sobre a aplicação de filmes como material didático, a qual ajudará a substanciar os esforços contínuos para utilizar essa media como ferramenta de ensino no currículo formativo, e não como uma novidade pedagógica em relação aos métodos já utilizados. Para que tais inovações sejam eficazes, é necessário que haja uma lacuna de aprendizado identificada, uma teoria definida e um projeto curricular que adicione este recurso (Law et al., 2015).

Embora se tenha visto muito menos no que concerne a relatos de experiências com filmes como material didático em outras áreas do saber científico, acredita-se

que os fundamentos necessários para a consolidação pedagógica desse recurso não sejam distintos dos descritos na área da Saúde.

## **1.1. Objetivo**

Desvelar os porquês dos filmes (ou partes deles) serem utilizados como material didático pelos docentes.

## **1.2. Método**

### **1.2.1. Participantes**

Participaram da pesquisa 15 docentes que utilizam filmes como material didático, sendo nove mulheres (60%) e seis homens (40%). Todos os voluntários exercem a docência em Portugal e ensinam no nível superior, de modo que 60% trabalham no Porto, 20% em Braga e outros 20% em Lisboa.

### **1.2.2. Material**

Criou-se e utilizou-se um modelo de questionário dividido em duas partes: a primeira de caracterização dos participantes e a segunda com perguntas abertas a respeito da utilização de filmes como material didático. Este questionário foi elaborado numa plataforma digital e enviado aos docentes por correio eletrônico.

### **1.2.3. Procedimento**

Os participantes foram buscados a esmo. Para tanto, portais de algumas universidades portuguesas foram acedidos e os contactos dos docentes que trabalham nas faculdades existentes eram selecionados para receberem uma mensagem eletrônica com o convite a participar da pesquisa caso se identificassem como compatíveis ao objetivo proposto, os quais eram explicitados na própria mensagem e num breve preâmbulo no questionário.

### **1.2.4. Resultados e discussão**

A teoria interacionista de Lev Vygotsky foi utilizada como referencial teórico para analisar os resultados. Utilizou-se o termo *sujeito* para se referir aos participantes em suas respostas por se tratar de um vocábulo agênero.

As razões pelas quais os sujeitos dizem utilizar filmes como material didático em suas aulas variam e foram classificadas em quatro categorias: (1) atrair/motivar mais os estudantes, (2) complementar ou ilustrar o conteúdo ensinado em aula por meio da peculiaridade audiovisual, (3) diversificar os métodos de ensino e (4) promover reflexão crítica.

## 2. Atrair/motivar mais os estudantes

A atração e/ou a motivação são componentes fulcrais e basilares para que haja interesse em algo, independente das circunstâncias que se sucedam para tanto. Assim, alguns sujeitos disseram usar filmes como material didático em suas aulas justamente por esta razão: para “dar mais motivação aos alunos, tornar as aulas melhores” (sic), pela “maior motivação dos discentes e melhor aprendizagem” (sic), “acho que motiva os alunos” (sic) e por “motivar os alunos” (sic).

Segundo Abud (2003), quem primeiro defendeu o uso de filmes como material didático foram profissionais ligados à Psicologia da Aprendizagem favoráveis ao Movimento da Educação Nova e uma das razões para tanto foi por ser um recurso atraente aos estudantes.

Rocha (2007) concorda que os filmes atraem mais a atenção dos discentes do que as formas mais comuns de transmissão de conhecimento. É plausível considerar que esta atração se dê por requerer meramente que os discentes tenham uma postura passiva diante da televisão, embora Rocha (2007) discorde desta mesma postura e diga que o docente deve instruir os aprendentes a assistir conteúdo televisivo crítica e reflexivamente.

Czekalski & Uhmman (2020) concordam e dizem que os filmes são utilizados em aulas de Educação Ambiental por motivar mais os aprendentes. Em acréscimo, Abud (2003) diz que a iconografia foi determinada como método pedagógico para adolescentes devido ao interesse deles por imagens. Todavia, percebe-se este mesmo efeito sobre estudantes de Ensino Superior ao considerarmos as palavras da dupla que investigou a Educação Ambiental. Estas palavras também estão em consonância com o que dizem dois sujeitos, os quais usam filmes por causa da “captação da atenção e clarificação de processos” (sic) e para “tornar mais clara a mensagem e facilitar a compreensão dos conteúdos”. Este último ainda conclui: “Os alunos, especialmente nos últimos anos apreciam este tipo de material” (sic). Silva (1998) está de acordo ao dizer que 89% dos discentes gosta que este recurso esteja presente nas aulas.

Ferreira & Parra (2000) acreditam que os docentes que utilizam meios distintos e incomuns em suas aulas precisam proporcionar a criação e o desenvolvimento de ideias, atitudes e sentimentos nos discentes, além de despertar a vontade de aprender e entender o conteúdo lecionado. Coll e Monereo (2010) realçam que o acesso perene a enredos fílmicos induz à incorporação de certos modos de pensar, agir e sentir. Um dos sujeitos almeja um destes fins quando usa filmes e diz desejar “tocar os alunos a nível emocional” (sic). Vale destacar que alguns autores – De Puig (2016), Law et al. (2015) e Silva (1998) – reconhecem as emoções e sentimentos como fatores influentes no processo de aprendizagem, sendo que a primeira ainda diz que as emoções dos filmes são úteis também para motivar a busca de conhecimento. De Puig (2016), ainda, estabelece a motivação como uma das características constituintes de uma abordagem de utilização de filmes como material didático.



Na área da Física, segundo Machado (2008), os filmes de ficção-científica exercem influência sobre jovens e fomentam interesse e facilidade na compreensão dos conteúdos desse saber. Provavelmente isto acontece pela ficção conter elementos que sofrem transformações para se adequarem ao enredo filmico e atrair a atenção. Segundo Clebsch & Mors (2004), a conexão entre o conteúdo estudado nas aulas de Física com a prática exibida em alguns trechos de filmes leva os discentes a ficarem mais interessados nesta ciência por verem conceitos associados com a realidade. Um dos sujeitos diz usar filmes em suas aulas por uma razão sensivelmente congruente: por ser “um excelente recurso pedagógico, sendo uma forma mais atrativa de abordar determinadas temáticas e conceitos” (sic).

É importante também considerar as palavras de Sarmiento e Souza et al. (2004), os quais versam sobre a existência de estudos que mostram que as pessoas aprendem e memorizam cerca de 20% do que ouvem, 40% do que veem e ouvem e 75% do que veem, ouvem e fazem. Abud (2003), por sua vez, atribui 50% do aprendizado à visão e à audição.

Independente da percentagem, a combinação do que se vê e do que se ouve facilita a aprendizagem, de modo que a utilização de filmes tem um efeito agregador sobre os discentes devido à sua capacidade de explicar os conceitos da aula, permitir a sua visualização e servir como modelo. Na visão de Lev Vygotsky, pode-se dizer que o estudante tem a sua zona de desenvolvimento proximal (ZDP) acedida quando o seu nível de desenvolvimento real é elevado até o seu nível de desenvolvimento potencial pela compensação de aprendizagem ocasionada pelas imagens filmicas. Ou seja, aquilo que o aprendente tem capacidade de compreender é de fato abstraído com o auxílio do filme enquanto mediador, o qual exerce uma função concomitante interacionista aos espectadores com seu enredo e leva à devida internalização do conteúdo através dos seus signos audiovisuais.

Um dos sujeitos diz utilizar filmes por uma razão que conclui e resume esta ideia: “para melhorar a aprendizagem” (sic). Silva (1998) concorda ao dizer que os filmes contribuem para um melhoramento sensível do aprendizado em relação à utilização de materiais de escrita e equacionam o rendimento estudantil entre discentes de contextos socio-educacionais distintos.

Sendo assim, outras respostas dos sujeitos sobre esta questão respaldam as palavras (ou números) de Abud (2003) e Sarmiento & Souza et al. (2004), como: por ser uma “poderosa ferramenta didáctica” (sic), “por considerar uma boa forma de transmissão de conhecimentos” (sic), porque “ajudavam na compreensão dos conteúdos” (sic). Embora os sujeitos não tenham se aprofundado tanto nas razões de usarem filmes em suas aulas revelando concepções ou detalhes de porquê exatamente os utilizam, suas respostas estão em plena consonância com o que estes autores dizem. A boa utilização desses recursos filmicos pode ser uma excelente estratégia, uma vez que eles são bem aceites e acedidos, já que Vygotsky considera que a motivação de aprender tem que vir do estudante (a qual se sucede por desequilíbrios cognitivos).

### **3. Complementar ou ilustrar o conteúdo ensinado em aula por meio da peculiaridade audiovisual**

“Se uma imagem é melhor que 1000 palavras, um vídeo...” (sic). A fala deste sujeito preambula o efeito benéfico da produção audiovisual em aulas.

Segundo Coll & Monereo (2010) e Ferreira e Parra (2000), o progresso tecnológico ocasionou o desenvolvimento de muitos meios de comunicação no intuito de passar informações à população. Essa evolução levou os profissionais da Educação a fazerem adaptações para transmitir conhecimento através dos diversos recursos disponíveis. Dentre estes recursos estão os filmes.

Abud (2003) defende a permanência do material audiovisual nas salas de aula por seus efeitos serem capazes de desencadear um processo cognitivo composto por comparações entre elementos de obras diferentes, seleções e representações criadas e expressas por outras formas de comunicação. Um dos sujeitos sintetiza estas palavras e diz usar filmes como material didático por causa “do impacto da mensagem assim transmitida” (sic).

A riqueza de símbolos e outros elementos expressos num filme pode trazer não só um modelo de como funciona uma determinada relação ou contexto, mas incentivar a prática de determinadas ações ou funções, sejam elas construtivas ou corretivas. Neste ponto, para Vygotsky, o objeto filme se torna um elo mediador externo, isto é, um instrumento entre o discente e o aprendiz, no qual a linguagem fílmica (repleta de signos específicos, como imagens que expõem contextos ou procedimentos) se torna o transmissor de conhecimento e, portanto, provedor da compreensão do conteúdo ao estudante, de modo a promover assim a aprendizagem.

Se os alunos aprendem mais ou com maior facilidade quando se usa recursos audiovisuais entende-se que eles deveriam fazer parte da rotina escolar. Um dos sujeitos diz que os utiliza “por considerar uma boa forma de transmissão de conhecimentos” (sic). Na ótica vygotskiana, a interação do discente com o conteúdo lecionado através do instrumento filme possibilita a apreensão de conhecimentos e conceitos distantes do espaço físico da sala de aula (por vezes também inacessíveis em laboratórios) devido ao poder de reprodução deste material por meio de uma linguagem que não se limita ao vocabulário verbal, mas que contém as imagens como signos complementares do que se intenciona comunicar. As funções psicológicas superiores dos estudantes são, assim, acedidas e estimuladas pela mensagem do vídeo.

Outrossim, Oliveira et al. (2007) dizem que a produção audiovisual permite a criação de versões da realidade cotidiana e assim corrobora a possibilidade de os filmes poderem retratar da forma mais fidedigna possível um acontecimento histórico. Santos (2016) estende essa possibilidade ao dizer que os filmes produzidos para fins comerciais também podem servir como recurso didático por possibilitarem a abstração de fatos significativos.

Czekalski & Uhmman (2020) dizem que os resultados observados e a participação dos discentes aumentaram a recorrência do uso de filmes em aulas. Santos (2016) concorda com esta premissa ao dizer que professores de Geografia consideram alguns filmes como ferramentas capazes de potencializar a qualidade das aulas.

A resposta de um sujeito sobre o porquê de usar filmes como material didático é bem compatível com a realidade descrita das aulas de Geografia: para “mostrar contextos, opiniões ou argumentos congruentes, mas também diferentes dos que eu abordo nas minhas aulas” (sic). Outro sujeito, também em concordância, reporta razões similares: “depende dos filmes – uns utilizo porque acho que a explicação dada é melhor do que aquela que posso fornecer. Outros, porque são bons exemplos para ilustrar fenômenos ou teorias que estamos a abordar” (sic).

Ainda, Sarmento & Souza et al. (2004) reportam que alguns estudantes de Medicina disseram que estudar com aparatos audiovisuais é mais eficiente para a construção do conhecimento necessário à sua formação do que pelos meios convencionais. Dois sujeitos dizem que usam filmes como material educativo justamente por isso. Um deles diz que é para “tornar mais clara a mensagem e facilitar a compreensão dos conteúdos” (sic), e outro que é pela “clarificação de processos” (sic).

A imagem vista pelo aluno lhe serve como modelo e o ajuda a configurar a sua ação técnica. Deste modo, o filme ou vídeo assistido o ajuda a sair dos princípios para a execução. Esta é a transcendência do nível de desenvolvimento real para o nível de desenvolvimento potencial de um discente por meio da imitação, de acordo com o conceito vygostskiano de ZDP, o qual deve ser trabalhado pelo docente.

“A linguagem audiovisual é complementar a outras linguagens mais tradicionais do trabalho educativo, sendo que os filmes constituem usualmente recursos pedagógicos que são bem acolhidos pelos estudantes e permitem, em muitas circunstâncias, estabelecer pontes entre gerações diferenciadas (professores e estudantes), encontrando nesses filmes uma plataforma de encontro entre referências culturais. Para além disso, reconheço que muitos filmes apresentam questões educativas (área em que trabalho), de uma forma profundamente instigante e ‘traduzem’ problemáticas teóricas de modo claro e complexo” (sic). A declaração deste sujeito sintetiza bastante os efeitos dos filmes como material didático.

#### **4. Diversificar os métodos de ensino**

Outra razão pela qual alguns sujeitos dizem usar filmes como material didático é para variar nos métodos educativos. Dois sujeitos dizem: “considero um recurso interessante e permite variar na abordagem pedagógica” (sic); “varia-se os métodos usados” (sic). Santos (2016) concorda com as declarações destes sujeitos ao dizer que muitos docentes utilizam filmes como material educativo somente para realizar uma atividade diferente da convencional e Law et al. (2015) reconhece que o filme em sala de aula traz um clima de novidade ao ambiente

educacional.

No entanto, Ferreira & Parra (2000) dizem que é preciso inventar meios educativos que propiciem o uso do raciocínio lógico, concreto e abstrato dos discentes. Napolitano (2009 citado por Czekalski & Uhmman, 2020) completa ao dizer que o docente precisa planejar o modo como vai utilizar o filme e estar ciente das contribuições que o mesmo deverá trazer para a aula. Sem embargo, um dos sujeitos declara: “é difícil obter filmes relacionados com as cadeiras que leciono, mas sempre que encontro algum uso-o nas aulas, para diversificar o modo de ensino e chamar a atenção dos alunos para vários métodos diferentes de abordar as mesmas questões” (sic). Esta pode ser uma razão de os filmes serem um recurso mais presente nas aulas de algumas áreas científicas do que de outras, o que pode ser investigado num trabalho comparativo entre saberes.

Contudo, um sujeito comenta que o filme é “relativamente importante. Prefiro atividades mais ativas em que os estudantes possam aprender competências práticas” (sic), o que traz à baila, em meio a pluralidade de técnicas de ensino que podem estar disponíveis numa sala de aula, a capacidade do recurso audiovisual de transmitir a práxis, além da compreensão teórica, de aptidões necessárias aos aprendentes.

Ainda sobre este íterim, Clebsch & Mors (2004) discorrem que desde a década de 1950 as produções audiovisuais são utilizadas como material didático nas aulas de Física por meio da gravação e edição de experimentos para facilitar o entendimento dos discentes sobre o funcionamento e a execução de alguns procedimentos. Neste caso, o vídeo deve exibir um conjunto de ações graduais a serem seguidas para um determinado fim, mas não se sabe se também incita à reflexão ou à discriminação de questões ou ações técnicas concernentes ao que se deve aprender.

Partindo desta premissa, o estudante, de acordo com Vygotsky, imita o procedimento e o reconstrói ao seu modo particular depois de visualizá-lo. Essa função só é possível pelo conhecimento explanado pelas imagens já estar contido na sua ZDP e, assim, amadurecer as suas aptidões prévias, o que corrobora o desenvolvimento da sua aprendizagem, pelo menos até certo ponto, se considerarmos a fala do último sujeito.

Todavia, a aprendizagem ativa de algumas competências excede as práticas atribuídas à sala de aula e, portanto, podem invalidar a funcionalidade, a efetividade e a proposta pedagógica do uso de filmes como material didático. O espaço existente entre a teoria e a prática de diversos saberes profissionais pode ser (ou não) preenchido mais extensamente pelo recurso audiovisual em relação a outras ferramentas, mas não ocupado ou trabalhado plenamente por ele.

## 5. Promover reflexão crítica

A reflexão leva à criticidade e, por conseguinte, à apropriação do conteúdo transmitido em aula. Assim, um dos sujeitos diz que “outros vídeos são utilizados como estímulos/exercícios de estimulação do pensamento crítico” (sic).

De Puig (2016) converge e diz que o filme pode ser utilizado mais do que como difusor de conceitos ou atitudes pré-definidas, mas como uma ferramenta para questionar as ações, valores, crenças e decisões apresentadas e, assim, se converter num recurso educativo por permitir a crítica.

Em concordância, Czekalski & Uhmman (2020) dizem que os filmes fomentam a aprendizagem crítica de estudantes de Educação Ambiental. Do mesmo modo, Oliveira et al. (2007) especificam que a utilização de filmes é um material para a reflexão crítica de questões sociais atuais e pode ser produtivo para a discussão de algumas ciências.

Abud (2003), ainda, diz que o efeito da produção fílmica de atualizar um conjunto de configurações icônicas que possibilitam uma melhor compreensão do conteúdo exibido e acionam outros símbolos socioculturais permite ao espectador desenvolver uma análise crítica do meio em que está, serve de modelo dos aspetos subjetivos dos personagens envolvidos, como comportamentos, estilo e vocabulário. Este último efeito é denominado por Vygotsky como imitação, um mecanismo presente na ZDP do indivíduo que é fundamental para o seu desenvolvimento e amadurecimento dos conhecimentos obtidos.

O psicólogo soviético não fala diretamente sobre criticidade ou reflexão, mas sua obra diz que os processos que levam ao desenvolvimento destes constructos mentais citados por Abud (2003) se dão pela relação entre o discente e diversas variáveis do ambiente de atuação profissional (representado pela sala de aula do curso) através do instrumento (filme), que neste íterim terá como característica funcional a transmissão de signos não apenas verbais ou imagéticos (peculiares do recurso audiovisual), mas também culturais do contexto a ser assistido, de modo a promover uma intersecção entre as realidades do estudante e do conteúdo estudado. Assim, a consciência do indivíduo, dotada da capacidade de discriminar situações e agir intencionalmente, percepta esses signos e os associa com um possível cenário prático do seu ofício através de representações mentais (internalizando-os, por consequência), dá atenção à sua captação, retenção e aplicação e os memoriza, podendo ser lembrados através de mecanismos mediadores internos ou externos apreendidos. A criticidade – compreendida aqui como a capacidade de discernir quaisquer elementos presentes em situações comuns como diferenciados ou desajustados e, assim, capazes de produzirem efeitos indesejados – pode surgir em circunstâncias em que este conhecimento precisará ser exercido com certa subjetividade ou de modo distinto do convencional, isto é, quando requerer que o praticante recrie ou inove sua perspectiva ou modo de trabalho.

A compreensão, a análise, a crítica e a discriminação das diversas facetas de um filme são funções idiossincráticas, as quais tendem a promover uma discussão

ou debate sobre as temáticas apresentadas e a ratificar a produção audiovisual como um material apropriado para se chegar a uma conceção grupal e incitar ideias e opiniões sobre o conteúdo.

De Puig (2016) corrobora ao dizer que os filmes devem ser assistidos coletivamente e discutidos para que haja reflexão conjunta das questões exibidas. A criticidade é uma característica componente da sua proposta de abordagem para o uso de filmes como material didático.

Rocha (2007) vai além ao dizer que é dever dos docentes instruir os discentes de modo crítico-reflexivo a como assistir filmes e televisão e que os estudantes precisam ser sensibilizados e orientados a criarem suas próprias opiniões sobre o conteúdo assistido.

Um determinado enredo fílmico pode permitir que o discente imagine e recrie uma realidade, reflita sobre ela e a articule com as informações que já possua. É exatamente isso que dizem Clebsch e Mors (2004) acerca da articulação das teorias estudadas em aulas de Física com a prática exposta em alguns trechos de filmes. Esta combinação faz com que os discentes tenham um comportamento mais crítico enquanto telespectadores. Um dos sujeitos também disse vincular o uso de filmes com circunstâncias pontuais das aulas na tenção de propiciar a criticidade: “para conhecer projetos específicos, para promover a reflexão” (sic).

Rocha (2007) acrescenta que o conhecimento prévio que muitos discentes têm de certos programas televisivos também serve como embasamento para discutir a realidade criticamente.

Em suma, com o pré-conhecimento da temática, interesse pelo conteúdo e compreensão de que os filmes podem ter finalidade educativa além de entretenimento, a criticidade e a reflexão podem ser trabalhadas em aula.

## 6. Considerações finais

Os filmes são um recurso bem aceite por docentes e discentes, os quais conseguem explicar e entender melhor, respetivamente, determinados conceitos. Na ótica vygotskiana, o efeito benéfico do filme na aprendizagem possivelmente se dá pela ZDP ser acedida pelos signos fílmicos e propiciarem uma compreensão mais completa do conteúdo lecionado, de modo a promover a transição do desenvolvimento real para o potencial.

Essa ferramenta também motiva os estudantes, presumivelmente, por estar associada com o entretenimento quando vista num primeiro momento e, assim, provocar a impressão de que o conteúdo apresentado não será difícil, maçante ou tedioso.

Não se percebeu diferença na aceitação e apreensão de conhecimentos entre estudantes universitários e de nível escolar através da literatura e das informações recolhidas, mas não se pode dizer que não existam. Esta pode ser uma faceta a

ser investigada acerca deste material num novo estudo.

A teoria interacionista de Lev Vygotsky foi aplicada na discussão dos resultados, mas não pôde ser plenamente articulada devido aos sujeitos serem docentes de Ensino Superior. O psicólogo soviético em questão postulou uma teoria do desenvolvimento humano que foca muito mais no indivíduo em seus primeiros anos de vida do que em jovens adultos, de modo a não se ajustar inteiramente aos discentes dos sujeitos, além de que sua tese oferece princípios gerais acerca desse processo evolutivo, mas não constitui uma abordagem educacional sobre técnicas de aprendizagem. Mesmo assim, sua contribuição teórica foi enriquecedora para o entendimento dos dados colhidos à luz da ciência da Psicologia.

A realização de entrevistas estruturadas ou semiestruturadas ao invés do questionário eletrônico foi desconsiderada por ser uma alternativa mais inviável na recolha de dados em termos práticos. Contudo, crê-se que os resultados obtidos foram satisfatórios para os objetivos propostos e abrem portas para novas pesquisas nesse campo. Conforme Law et al. (2015) dizem, ainda é preciso haver uma base científica mais estável no que se refere a utilização de filmes como recurso didático. De Puig (2016) propõe um modo de utilizar filmes, mas tanto a pluralidade de saberes a serem ensinados como a de discentes e contextos educativos existentes requerem mais extensão de pesquisas em vários âmbitos sobre este material, além das recomendadas.

## Notas de fim

<sup>(1)</sup> Movimento da Educação Nova foi uma corrente defensora da renovação nas práticas e objetivos de ensino que surgiu no final do século XIX na Europa. Dentre os seus ideais estão a igualdade e o direito a todos à educação.

## Referências

Abud, K. M. (2003, abril). A construção de uma Didática da História: algumas idéias sobre a utilização de filmes no ensino. *História*, 22 (1), 183-193. <https://doi.org/10.1590/S0101-90742003000100008>

Clebsch, A. B. & Mors, P. M. (2004, dezembro). Explorando recursos simples de informática e audiovisuais: uma experiência no ensino de fluidos. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, 26(4), 323-333. <https://doi.org/10.1590/S0102-47442004000400006>

Coll, C., Engel, A. & Bustos, A. (2010). Os ambientes virtuais de aprendizagem baseados na representação visual do conhecimento. Em C. Coll & C. Monereo (Ed.), *Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação* (pp. 226-244). Artmed.

Coll, C. & Monereo, C. (2010). Educação e aprendizagem no século XXI: novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades. Em C. Coll & C. Monereo

(Ed.), *Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação* (pp. 15-46). Artmed.

Czekalski, R. G. & Uhmman, R. I. M. (2020). *Estudos das concepções em Educação Ambiental em filmes como recurso didático*. Artigo apresentado no Salão do Conhecimento UNIJUÍ, Ijuí, Brasil, outubro de 2020. 18138-Texto do artigo-51287-493117-2-20201021 (1).pdf

De Puig, I. (2006). Cinema per pensar. *Grup d'Innovació i Recer per a l'Ensenyament la Filos*, Butlletí de filosofia. 3(18), 1-24.

Ferreira, V. C. S. & Parra, A. I. G. (2000). *Filmes na sala de aula: um recurso de aprendizagem utilizado no curso de Psicologia* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade São Judas Tadeu]. Repositório.

Law, M., Kwong, W., Friesen, F., Veinot, P. & Ng, S. L. (2015). The current landscape of television and movies in medical education. *Perspectives on Medical Education*. 4, 218-224. doi: 10.1007/s40037-015-0205-9

Machado, C. A. (2008). Filmes de ficção científica como mediadores de conceitos relativos ao meio ambiente. *Ciência & Educação*, 14 (2). 283-294. <https://doi.org/10.1590/S1516-73132008000200007>

Moura, M. (2004). *Televisão, publicidade e infância: um retrato da mídia atual*. Artigo apresentado no X Simpósio Multidisciplinar da USJT, São Paulo, Brasil, setembro de 2004, universidade-sao-judas-tadeu-2004-anais-do-x-simposio-multidisciplinar-da-usjt-1-dez-anos-de-iniciaao-cientifica.pdf

Oliveira, M. L. C., Oliveira, S. R. N. & Iguma, L. T. (2007). *O processo de viver nos filmes: velhice, sexualidade e memórias em Copacabana*. *Texto Contexto – Enfermagem*, 16 (1), 157-162. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072007000100020>

Rocha, L. A. C. (2007). *O uso da televisão na sala de aula como recurso didático*. Artigo apresentado no XIII Simpósio Multidisciplinar da USJT, São Paulo, Brasil, setembro de 2007, [www.usjt.br](http://www.usjt.br)

Santos, M. A. (2016). *O cinema como recurso didático na sala de aula: um estudo de caso realizado com professores de geografia do “Centro Municipal Educação Nossa Senhora do Rosário – Barão de Cocais/MG”*. Artigo apresentado no XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, São Luís, Brasil, julho de 2016. [http://www.leg.uefs.br/arquivos/File/materiais/ARTIGOS\\_filmes\\_videos/Marcelo\\_Apolonio\\_Santos\\_2016\\_Cinema\\_como\\_recurso\\_didatico\\_na\\_sala\\_de\\_aula.pdf](http://www.leg.uefs.br/arquivos/File/materiais/ARTIGOS_filmes_videos/Marcelo_Apolonio_Santos_2016_Cinema_como_recurso_didatico_na_sala_de_aula.pdf)

Sarmiento e Souza, M. F., Ferreira, A. S. S. B., Martinez, J. C. & Barraviera, B. (2004). The impact of multimedia on teaching tropical medicine. *Journal of Venomous Animals and Toxins including Tropical Diseases*, 10 (2), 173-184. <https://doi.org/10.1590/S1678-91992004000200007>

Silva, B. D. (1998). *Educação e Comunicação*. (1ed). Braga, Centro de Estudos em Educação e Psicologia.